

# Caminhos da Resistência Literária em Seis Poetas Negros Contemporâneos Brasileiros

## Resistance paths in six Brazilian contemporary black poets

ROSANGELA SARTESCHI \*

**Resumo:** Vozes negras no sistema literário brasileiro contam outras histórias, engendrando, assim, diferentes formas de compreender e elaborar o mundo a partir de novas perspectivas históricas e sociais que, ao assumir o comando e a autoria de sua própria escrita, concorrerão para o estabelecimento de um sistema literário baseado na heterogeneidade, na pluralidade e na diversidade. O presente ensaio pretende, portanto, aproximar alguns poemas de Cuti, Conceição Evaristo, Edimilson de Almeida Pereira, Adão Ventura, Salgado Maranhão e Éle Semog, destacando os elementos de resistência estética e política presentes nessas obras.

**Palavra-chave:** Literatura e resistência, literatura negra brasileira, poesia negra brasileira.

**Abstract:** Black voices within the Brazilian literary system tell other stories, producing, thus, a different manner of understanding and elaborating the world from new historical and social perspectives that, in taking over the command and the authorship of their own writings, will cooperate to the establishment of a literary system based on heterogeneity, plurality and diversity. The present essay intends to approach and compare some poems written by authors such as Cuti, Conceição Evaristo, Edimilson de Almeida Pereira, Adão Ventura, Salgado Maranhão and Éle Semog, pointing out the elements of esthetics and political resistance observed in these productions.

**Keywords:** Literature and resistance, Brazilian black literature, Brazilian black poetry

---

\* Professora Doutora da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH/USP.

*História*

*Minha vida se encontra profundamente  
escondida*

*no limbo da história*

*De outras vidas*

*abafadas no rumo da história em curso  
das entranhas do mundo*

*A história de nossas vidas são profundas  
se encontram abafadas e escondidas*

*por eles, por nós que fazemos a história  
no curso da vida*

*A história é a própria vida*

*que vive pra fazer história,*

*mas há histórias de vidas não vividas*

*e vidas sem histórias*

*Tua história e minha vida*

*que é vida enquanto história*

*e história enquanto vida*

*caminham sob o limbo criado pelo mundo*

*sem curso, sem vida, sem história*

*Vida escondia, minhas histórias*

*abafadas num preceito de grande dor*

*profunda como o marco maior*

*não da minha, nem da tua, mas de outras vidas*

*História e vida que se confundem, misturam*

*e combinam sob a égide do querer bem*

*onde poucos saberão julgar*

*a nossa vida, a nossa história*

*vida que por assim ser*

*não será descrita por qualquer história*

*(Francisco Mesquita – Cadernos Negros, 5, 1982, p.  
27)*

**V**ozes negras no sistema literário brasileiro contam outras histórias e, dessa forma, engendram diferentes formas de compreender e elaborar o mundo a partir de novas perspectivas históricas e sociais. Ao assumir o comando e a autoria de sua própria escrita, concorrerão para o estabelecimento de um sistema literário baseado na heterogeneidade, na pluralidade e na diversidade. O presente ensaio pretende, portanto, fazer uma leitura em perspectiva de alguns poemas dos escritores Cuti, Conceição Evaristo, Salgado Maranhão, Adão Ventura, Edimilson de Almeida Pereira e Éle Semog, destacando-se os elementos de resistência estética e política ali presentes.

Os autores escolhidos têm trajetórias particulares, é possível, no entanto, notar que compartilham uma preocupação em recompor, em suas obras, árdua e agudamente o universo simbólico que tem sido historicamente um espaço interdito às variadas manifestações da população negra.

O texto literário possibilita-nos enxergar a sociedade que o engendra, porque nele ficam evidentes as relações sociais e as tensões dali decorrentes. Nesse sentido, as obras são mais do que movimentos individuais que dependem da inspiração do autor; são, na verdade, formas de percepção e compreensão do mundo a partir de uma dada perspectiva, de um bem definido ser-estar no mundo. Decorre daí, então, que a literatura mantém relação estreita com a ideologia de uma época, mas paradoxalmente vai, ao mesmo tempo, problematizá-la: como bem aponta Adorno (2003: 68), “Obras de arte, entretanto têm sua grandeza unicamente em deixar falar aquilo que a ideologia esconde”.

Nesse horizonte interpretativo, é adequado afirmar que compreender e apreender o texto literário significa a possibilidade de entendimento de todo o processo social do qual ele faz parte/está inserido. Evidentemente, a arte, em geral, e a literatura, em particular, não transformam sozinhas a história, mas certamente constituem-se em elemento ativo para a transformação social almejada.

Se a arte não é mimese rasteira da realidade, deixa entrever, no entanto, essa realidade, elaborando, assim, um discurso substancialmente rico e complexo, pleno de potencialidade de transformação. Como nos lembra Althusser, a arte está imersa na ideologia, mas consegue distanciar-se dela: não proporciona o conhecimento conceitual, mas a experiência de determinada situação (Althusser apud Eagleton, 2011: 38-39).

Textos poéticos e ficcionais de determinados autores negros problematizarão de variadas formas e matizes, mas sempre com contundência, as tensas relações

raciais resultantes da experiência da escravidão e da dominação do homem negro, marcas profundas de uma sociedade de passado colonial e escravista como a brasileira, resgatando e vivificando nesse percurso experiências, práticas, saberes e existências.

O sociólogo Clóvis Moura, na obra *Sociologia do Negro Brasileiro*, analisa da seguinte forma a condição negra na sociedade nacional, discutida a partir de conceitos como democracia racial, miscigenação e alienação:

O que significa isto em um país que se diz uma democracia racial? Significa que, por mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vastas camadas de não-brancos os seus valores fundamentais. Significa, também, que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não-brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade. Nessa fuga simbólica, eles desejam compensar-se da discriminação social e racial de que são vítimas no processo de interação com as camadas *brancas* dominantes que projetaram uma sociedade democrática *para eles*, criando, por outro lado, uma ideologia escamoteadora capaz de encobrir as condições reais sob as quais os contatos interétnicos se realizam no Brasil. (Moura, 1988: 63)

Para romper com essa condição que resulta na perpetuação do jogo dominadores/dominados no âmbito dessa sociedade de classes é que a chamada poesia negra engajada – com todas as questões conceituais e ideológicas subjacentes ao termo e que escapam ao escopo da presente análise – questionará as verdades e os discursos oficiais e, com apurado trabalho estético, intenta inaugurar espaços, derrubando impedimentos historicamente construídos e, dessa maneira, projeta no espaço do imaginário simbólico uma saída possível no combate ao preconceito e à alienação. São vozes que não pretendem calar o outro, mas têm, sobretudo, a intenção de colocar-se dialeticamente diante desse outro, construindo um diálogo pleno de significados em que as dores, as fraturas e as tensões não são escamoteadas ou ignoradas. Neste trabalho de desconstrução e reconstrução, reinventam uma mitologia libertadora a partir de novas bases; transformando, assim, o caráter tornado reificador da experiência negra, devolvendo-lhe a humanidade sequestrada.

A poesia que aqui se coloca é, portanto, a da resistência como uma possibilidade histórica, construindo um olhar que não é mais o de subserviência ou de introjeção de valores que não lhe são próprios. São vozes que rompem definitivamente com o jogo de opressões em que estão inseridas.

Nesse diálogo que constroem, demonstram poeticamente a tese de Moura, quando afirma que:

*A herança da escravidão* que muitos sociólogos dizem estar no negro, ao contrário, está nas classes dominantes que criam valores discriminatórios através dos quais conseguem barrar, nos níveis econômico, social, cultural e existencial a emergência de uma consciência crítica negra capaz de elaborar uma proposta de nova ordenação social e de estabelecer uma verdadeira democracia racial no Brasil. (Moura, 1988: 70)

Evidente está, então, que essa poesia constituir-se-á na corporificação das contradições históricas colocadas: em movimento pendular olha para o passado, mas esse passado não imobiliza; ao contrário, acessado dialeticamente apresenta-se como via para que o futuro seja reescrito, agora sob novas perspectivas. A voz e a letra dos oprimidos recriam a vida e a história que foram e as que se projetam diante de si. Nesse sentido, essa poesia busca resgatar memórias elididas e, com isso, faz refletir sobre as contradições e a violência com que o discurso hegemônico empareda a experiência negra e, ao fazer isso, torna-se parte ativa da transformação que se esboça. A literatura negra constituir-se-ia, assim, no espaço da resistência e na forma de reconstituir o equilíbrio social: ao mesmo tempo elemento de preservação e de transformação da história.

Os autores aqui focalizados – Conceição Evaristo, Edimilson de Almeida Pereira, Cuti, Adão Ventura, Éle Semog e Salgado Maranhão – falam de partes distintas do país, trazendo consigo experiências diversas que atravessarão os respectivos textos poéticos. Em certo sentido, são escritas que não abdicam do papel de interferir na cena cotidiana, são textos atravessados pelas tensões decorrentes desse posicionamento. Ao se apropriarem do espaço que está historicamente construído por e para as elites brancas, essas vozes erguem-se e expõem-se dialeticamente, contestando com veemência essa condição.

A longa epígrafe que abre este trabalho aponta para a direção aqui desenhada: a história como elemento fundamental (e por que não fundacional?) para a

compreensão da experiência negra em toda sua extensão já que a história, ao ser escrita pelos dominadores, é plena de silenciamentos. Nesse jogo dialético entre história e experiência vivida, a arte se constrói como espaço privilegiado de luta e resistência, que não ocorre, dessa forma, apenas no âmbito da ética e da política, mas também no da estética. Os poemas selecionados deixam entrever essa condição: o manejo apurado de recursos no domínio da semântica e da sintaxe poética em que as repetições – que marcam a cadência e o ritmo –, o jogo antitético entre vida e história e as assimetrias construídas – limbo e clareza, vida e morte, palavra e silenciamento, coadunam-se perfeitamente aos efeitos de sentidos pretendidos.

O engajamento característico de cada um dos poetas concretiza-se de maneira que o individual e o coletivo se encontrem: a intenção estética subjetiva não basta a si mesma, pois como nos lembra o posicionamento de Sartre (2006: 51), “no fundo do imperativo estético, é possível ao leitor discernir o imperativo moral”. Recusam, assim, a passividade; escolhem ser e agir. Não raro são poemas que apresentam o olhar do sujeito que se volta sobre o próprio fazer poético mediado pela contradição e pelo desejo de marcar definitivamente seu lugar.

Éle Semog, poeta carioca ligado ao grupo Negrícia e de longa jornada nos espaços político-culturais de resistência, traz, em seu trabalho, a marca da consciência das opressões de raça na perspectiva de uma sociedade de classes. Seu projeto poético tem por objetivo o resgate da memória ancestral em que laços com suas origens enfim são reatados no espaço do poema. Metapoema que é muito mais que a autorreferenciação superficial e vazia que deambula nos limites de si mesma, esgotando-se ali, mas é, sobretudo, a incursão pela história acessada de outra perspectiva. Observemos:

Visto daqui o além mar

Onde a vida guarda-se  
núcleo  
o verbo é mais contrito  
o verso é mais escasso.

A palavra não é parte  
e sendo toda,  
firma-se no voo

de ser arte.

Como é bom poetar  
 desde lá d'África.  
 Não há *griot* que esqueça!  
 Não há sorte que arrefeça! (Semog,1997: 14)

Percebe-se no poema escolhido que a África evocada distancia-se daquela fetichizada pelos discursos hegemônicos. Palavra e voz estão condicionadas à vida, que, por sua vez, faz-se pelo jogo de lembrar e esquecer. A luta embala esse ir e vir: escrever para viver e lembrar.

Já em outro poema – “Luxúria das palavras” –, a palavra, escrita/falada, está intrinsecamente relacionada com a construção do prazer. Eros, o princípio da vida, alimenta-o: vida que é também feita de lutas e angústias; domar a palavra significa transformar a vida. Novamente, o jogo antitético som x silêncio surge como metáfora da própria experiência. As dualidades são a espinha dorsal em torno da qual o poema é elaborado:

Cavalgar a ferro a palavra  
 selvagem e permutar o sentido  
 do corpo pela inércia da alma.

Perder-se num olhar  
 Interno  
 e em cada signo desfazer o detalhe,  
 a minúcia, o significado...  
 deixar aos sábios os limites  
 da angústia e recriar  
 o silêncio com a mesma sabedoria  
 de quem inventa o alimento. (Semog, 1997: 125)

A alma relativamente apaziguada (alienada?) desse jogo, em certa medida, cerebral dá lugar à profunda consciência do lugar ocupado. Escrever, nessa perspectiva, não apenas conecta-se à própria gênese, mas é, acima de tudo, a resposta carregada da violência, única possibilidade que se apresenta. É, como

aponta Sartre (2006: 51), um exercício da liberdade que será reduplicado no momento da leitura.

Muitos dos poemas de Semog, e “Razões” é exemplo paradigmático, fazem ressoar as conhecidas indagações de Jean-Paul Sartre, em seu texto “Orfeu Negro”, publicado em 1948 como introdução à obra *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe*, organizada por Léopold Senghor:

O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordaça que tapava essas bocas negras? Que vos entoariam louvores? Estas cabeças que nossos pais haviam dobrado pela força até o chão, pensáveis, quando se reerguessem, que leríeis a adoração em seus olhos? Ei-los em pé, homens que nos olham e faço votos para que sintais como eu a comoção de ser visto. [...] Hoje, esses homens pretos nos miram e nosso olhar reentra em nossos olhos; tochas negras, ao seu redor, iluminam o mundo, e nossas cabeças brancas não passam de pequenas luminárias balançadas pelo vento. (Sartre, 1960: 105)

Vejamos o poema:

Razões

Não me oferecem doces,  
pois de onde vim  
as crianças foram criadas  
com pimenta.

A poesia é o meu recanto  
a minha fuga.

Mesmo assim, escrevo poemas  
como quem joga pedras.

Não tenho nenhum motivo  
para reler os búzios,  
não quero pensar na sorte  
desse 13, muito menos

nos dois artigos da lei.

Não tenho razões  
para sorrir à nenhuma princesa,  
por isso quando escrevo,  
mesmo sobre o mel e as flores  
não pretendo ser doce ou lírico.  
Em cada verso, sou as marcas  
dessa História.

Do mel, sei apenas,  
as ferroadas das abelhas  
das flores, o perfume  
que acorda na memória  
multidões de defuntos  
do meu povo. (Semog, 1997: 132)

Como se pode perceber, a poesia é entendida aqui como o campo da resistência e da violência, mas paradoxalmente, surge como refúgio. Ao poeta, impõe-se esta dualidade e contradição: a dor e o prazer que estão intrinsecamente entrelaçados e a vida que daí emerge traz as marcas dessa história – o mel e ferroadas das abelhas. O eu lírico busca, nessa medida, refletir sobre o papel do artista no mundo, explicitando esse olhar do homem perfeitamente ajustado a um tempo-espaço e de cuja escrita salta a vontade de transformação.

Poeta tão instigante quanto Éle Semog, o paulista Luís Silva, mais conhecido por Cuti, também agrega à sua poética, que em outros trabalhos denomino poética do confronto, um olhar meditativo sobre o fazer poético. Navega em águas metapoéticas em que a repulsa e o ressentimento são o combustível de sua escrita demandante do espaço negado. As escolhas lexicais demonstram, portanto, que não há concessão possível e estão em perfeita consonância com os significados perseguidos, desaguando em construções imagéticas que marcam com vigor a violência da dominação. A contraposição entre branco e negro segue no âmbito da escrita literária, no qual se reproduz a subjugação herdada do aparato colonial: a violência da escravidão é reduplicada na gramática que aprisiona a voz negra.

Assim como ocorre na escrita de Éle Semog, aqui também a resistência se constrói no plano do simbólico e da experiência concreta. O poema traz a vida e desata os nós da língua que mata. Arma e palavra se embaralham em um jogo sinestésico de contraposições eloquentes. Se a escrita literária é o campo da dominação também é o da libertação: pelas brechas dos incontáveis “poesídios” é essencial vislumbrar os caminhos que conduzem à emancipação:

#### NEGROESIA

enxurrada de mágoas sobre os paralelepípedos  
por onde passam carroções de palavras duras  
com seus respectivos instrumentos de tortura

entre silêncios  
augúrios de mar e rios  
o poema acende seus pavios  
e se desata  
do vernáculo que mata

ao relento das estrofes  
acolhe os risos afros  
embriagados de esquecimento e suicídio  
no horizonte do delírio

e do âmago de desencanto contesta as máscaras  
lançando explosivas metáforas pelas brechas dos  
poesídios  
contra o arsenal do genocídio. (Cuti, 2007: 29)

Nessa geografia que se insinua, às vozes de Cuti e Semog associam-se a do mineiro Adão Ventura, que também fará de sua poesia mais do que um libelo raso contra o preconceito e a discriminação: no fazer literário, articulam-se os desdobramentos de significados, impondo uma transformação textual, que, em larga medida, contribuirá para a transformação social. A palavra, de novo, aprisiona e liberta. Vejamos:

Limite

E quando a palavra  
apodrece  
num corredor  
de sílabas ininteligíveis.

E quando a palavra  
mofa  
num canto-cárcere  
do cansaço diário.

E quando a palavra  
assume o fosco  
ou o incolor da hipocrisia.

E quando a palavra  
é fuga  
em sua própria armadilha.

E quando a palavra  
é furada  
em sua própria efígie.

A palavra  
Sem vestimenta,  
nua,  
desincorporada. (Ventura, 2006: 37)

Seguindo essa mesma via poética, defrontamo-nos com o escritor maranhense Salgado Maranhão, cuja obra poética – da qual “Voz”, aqui transcrita, é um especial exemplo – é marcada pela desestruturação textual como a ressaltar e coadunar dor e violência enfrentadas cotidianamente. Há aqui um componente de afirmação que não deixa dúvida: os obstáculos lá estão, o tom, no entanto, é de enfrentamento que abandona o simples lamento. Domar a palavra é a atitude

de que se espera, pois a resistência é a única forma de assegurar a vida, que não pode, portanto, ser concebida sem ela.

Minha carne é fibra de argila e sol  
verão. Ou docas onde a dor se encuba  
secretamente. Sei que em meu paiol  
os androides de porre dançam rumba.  
No entanto flui de mim um girassol  
lilás que luz, que jazz, que mais que alumbra,  
esculpe as esquadrias do arrebol,  
dissolve o tempo sobre a minha juba.  
Já de júbilo desse pergaminho,  
aceito o temporal – redemoinho  
de pedras: tanto degrau... tanta esgrima...  
e ao ter somente a voz como caminho,  
agarro a poesia pela crina  
e me arrimo na minha própria rima. (Maranhão, 2009: 67)

Finalmente chegamos aos poetas do quilate de Edimilson de Almeida Pereira e Conceição Evaristo, cuja resistência ética e estética são construídas pelo caminho do profundo lirismo que marcam suas composições. Conceição Evaristo, única mulher do grupo, rememora, desde essa perspectiva, trajetórias historicamente colocadas:

Filhos da rua

O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
a dor submerge revisitada  
esfolando-me a pele  
que se alevanta em sóis  
e luas marcantes de um tempo  
que está aqui.

O banzo renasce em mim

e a mulher da aldeia  
 pede e clama na chama negra  
 que lhe queima entre as pernas  
 o desejo de retomar  
 de recolher  
 para o seu útero-terra  
 as sementes  
 que o vento espalhou  
 pelas ruas... (Evaristo, 2008: 12)

Afirma-se, assim, que a viabilidade da própria cultura consiste em reaver o passado histórico. O olhar do presente volta-se para esse passado, de uma perspectiva que não é meramente contemplativa de recuperação servil de dores e violências; é, por outro lado, um olhar que intenta a transformação. O futuro se apresenta não apenas como uma possibilidade, mas como realidade transformada que se avizinha. A luta evoca a dor, que, em larga medida, semeia o futuro e não o anula.

Edimilson de Almeida Pereira, cuja poesia é tributária de seu ofício de antropólogo, gestada a partir das recolhas que seu trabalho possibilita, brinda-nos com delicados textos que têm como ponto de inflexão o ritmo e a cadência harmônica dos cantos das comunidades tradicionais ainda imunes à velocidade e à emergência impostas pela modernidade. Vejamos:

Capelinha  
 Ao Adão Pinheiro

Os negros estão chegando  
 com seus tambores: silêncio.  
 Os negros cantam velados.

Os Arturos estão chegando  
 com seus lenços azuis: silêncio.  
 Os Arturos cantam velados.

Os negros estão chegando

com seus padroeiros: silêncio.

Os negros têm nomes velados.

Os Arturos estão chegando

com seus santos: silêncio.

Os Arturos têm deuses velados.

Os negros Arturos com seus

tambores sagrados. Silêncio,

estão cantando calados.

Os negros Arturos com seus

terços de contas. Silêncio:

são mil negros guardados. (Pereira, 2003: 76)

Aqui o eu lírico não escamoteia o peso do princípio da realidade, ao contrário, evoca e recupera vozes, ritmos, compassos de cantos ignorados em movimento respeitoso, que estabelece um jogo entre som e silêncio, reverenciando, e, por isso, restabelecendo ao lugar de direito o rito de seus ancestrais com a altivez que só uma voz “de dentro” permite.

Neste breve percurso por escritas negras contemporâneas no espaço brasileiro, procuramos demonstrar que a literatura negra de resistência em seus mais variados modos de concretização trabalha a linguagem e a estética de modo a mobilizar contra a dominação. Na vida e na escrita. No entrelaçamento dos dois planos, elabora uma crítica radical à ideologia hegemônica.

Articulam, assim, a demanda por uma outra poesia, que se ocupa do processo histórico na luta contra a opressão do homem negro em um país ainda às voltas com vestígios coloniais não (ou mal) superados. Nesse trabalho estético pretendem, portanto, transformar as relações de poder historicamente colocadas: os autores aqui abordados provam com seu percurso literário que a poesia não é feita apenas de palavras; mas concorrem para a destruição do opressor e, no processo, reconstroem ativamente os relatos interrompidos.

## Referências

- ADORNO, Theodor. W. “Palestra sobre lírica e sociedade” In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Ed. 34 e Duas Cidades, 2003.
- CUTI. *Negroesia*, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- MARANHÃO, Salgado. *A cor da Palavra*. Rio de Janeiro: Imago e Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Casa da Palavra: obra poética 3*. Belo Horizonte: Mazza, 2003
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ed. Ática, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. “Orfeu Negro” In: *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- SEMOG, Éle. *A cor da demanda*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 1997.
- VENTURA, Adão. *Costura de Nuvens – Antologia poética*. Sabará: Edições dubolsinho, 2006.